

São Paulo , 16/5/77

Clarice

Perdoe minha demora em lhe escrever . Vontade de escrever tinha demais , por isso mesmo fiquei tímido , com medo de não conseguir exprimir o que desejava . Tenho sempre muito medo de escrever , receioso de não saber dizer .

Lourdes havia me dado o seu livro de entrevistas, mas só agora fui lê-lo . Fiquei demais impressionado pela sua capacidade de ir diretamente aos pontos essenciais, revelando a personalidade dos entrevistados e aferindo a sua estatura, tudo do modo mais simples e natural. Foi para mim uma revelação do poder da sua intuição dos motivos primeiros e das finalidades últimas .

A única ressalva ao texto da minha entrevista se refere ao fato de que o meu interesse pela História se manifestou aos oito anos de idade e não aos dezoito como está no livro . Em 1924 fui com minha família paterna para a Europa e fiquei fascinado com as igrejas góticas de Paris . Foi o ponto de partida do meu interesse tanto pela História como pela Arte . Voltando para o Brasil, o navio parou no Porto. Meus pais desembarcaram e eu lhes pedi que me comprassem um livro sobre história universal . Ganhei assim o horrendo compêndio de Raposo Botelho, que devorei durante a viagem com a mesma sofreguidão que experimentei 16 anos mais tarde ao ler Guerra e Paz de Tolstói .

Durante toda a minha infância li inúmeros folhetins de Michel Zevaco . Nos anos de puberdade devorei dezenas de volumes das novelas

historicas de Alexandre Dumas. Durante os anos de 1925 e 1926 tive aulas de leitura da Biblia, no Colegio Americano Batista do Recife, que me deram as primeiras noções sobre a historia dos imperios do Oriente. A interpretação religiosa da Historia biblica foi a minha introdução à filosofia da Historia, depois desenvolvida com numerosas outras leituras a partir de 1929, quando tomei conhecimento das primeiras noções de marxismo. Foi pela leitura duma revista publicada por Francisco Mangabeira, chamada Cultura.

A filosofia da Historia foi sempre um assunto de interesse muito grande para mim, até agora. Aliás as longas viagens que venho fazendo desde 1972 reacenderam o meu interesse por leituras de Historia, principalmente em relação à historia da Asia, que só conhecia em linhas muito gerais.

Desde 1970, minha atitude geral se modificou bastante, em consequencia do isolamento em que passei a viver, como resultado da aposentadoria e da impossibilidade de exercer a critica de arte militante. Foi um desafio tremendo, mas creio que pude reagir de um modo criativo, não só retomando com maior energia as pesquisas anteriores sobre teoria da Gravitação e o problema das relações entre Fisica e Geometria, como também fazendo estudos filosoficos mais sistematicos. Publiquei três trabalhos longos de Fisica, e aprofundei bastante o meu pensamento sobre Arte. Agora estou escrevendo um pequeno ensaio sobre a crise atual das artes plasticas, que talvez seja o ponto de partida para um ensaio longo.

No ensaio que estou concluindo, interpreto o fim da serie dos grandes movimentos das artes plasticas, desde o Impressionismo até a Arte Conceitual da decada dos sessenta, como um dos aspetos de uma profunda crise ideologica do Ocidente, provavelmente associada a uma crise global afetando todos os planos da vida social, representando o começo do fim de todo o periodo historico iniciado no seculo XVII. Em todo esse periodo a ideologia ocidental assentou sobre uma confiança excessiva sobre o desenvolvimento tecnologico e o aumento da produção de bens de produção e de consumo. Agora ela está sendo abalada.

Nos ultimos quinze anos não acompanhei de perto o movimento literario. Agora senti a necessidade de compreender melhor a literatura atual, não só pelas obras como pelo contato direto com os autores. Já tive muito contato com escritores noutras epocas, especialmente com Oswald de Andrade, Jorge Amado, Sergio Milliet e Vinicius. Depois conheci bem Jorge Mautner e José Agripino de Paula e mantive muitos contatos com Decio Pignatari, Haroldo de Campos e Ferreira Gullar. Agora só tenho mantido contatos não muito frequentes com Hilda Hilst e Mario Chamie, com os quais me sinto muito bem. Ainda tenho esperanças de poder vê-la de vez em quando e de ouvir muitas coisas interessantes, como aconteceu nas três vezes que conversei com você. Irei vê-la em junho, quando passar pelo Rio de volta de Salvador, se fôr possível, encontra-la.

Com um grande abraço do

Mario Schenberg